

©Copyright, 2006. Todos os direitos são reservados. Será permitida a reprodução integral ou parcial dos artigos, ocasião em que deverá ser observada a obrigatoriedade de indicação da propriedade dos seus direitos autorais pela INTERFACEHS, com a citação completa da fonte. Em caso de dúvidas, consulte a secretaria: interfacehs@interfacehs.com.br

O FUTURO DO TRABALHO FADIGA E ÓCIO NA SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

Luiz Augusto Grandó Padilha

Engenheiro de Segurança do Trabalho da Empresa Madecal Agro Industrial Ltda

RESUMO

O artigo discute o mundo do trabalho no contexto do projeto tecnológico das sociedades industriais que se revela também como agressivo e destrutivo, gerador de aprofundamentos de sérias problemáticas sociais e ambientais, tais como o desemprego, a degradação do trabalho, a violência, a devastação do meio ambiente, a propagação acelerada de doenças, projetando como urgência a necessidade da reestruturação produtiva como forma de atenuar os efeitos negativos da era tecnológica e os paradoxos contidos na chamada globalização, enfocando a questão da construção das sustentabilidades, destacando os processos cognitivos voltados para a formulação de projetos sustentáveis que tendem a construir com as facilidades a integração entre objetividade e subjetividade, conformando uma ética capaz de tornar-se inerente ao cotidiano das ações humanas frente à natureza, em especial, quando da intervenção produtiva.

Palavras-chave: sustentabilidade, ambiente, saúde do trabalhador, processos cognitivos, globalização.

Como a maior parte das pessoas de minha geração, eu cresci ouvindo que o ócio é o pai de todos os vícios. Sendo uma criança bastante virtuosa, acreditava em tudo o que me diziam, e minha consciência tem me mantido trabalhando duro até hoje. Mas ainda que a minha consciência tenha controlado as minhas ações, minhas opiniões passaram por uma revolução. Penso que se trabalha demais atualmente, que danos imensos são causados pela crença de que o trabalho é uma virtude, e que nas modernas sociedades industriais devem defender algo totalmente diferente do que sempre se apregoou.

Quero dizer, com toda a seriedade, que muitos males estão sendo causados ao mundo moderno pela crença na virtude do trabalho, e que o caminho para a felicidade e prosperidade está em uma diminuição organizada do trabalho.

É notável que a civilização se estruturou fundamentalmente em função do trabalho humano. Nos diferentes momentos e sociedades o executor do trabalho desempenhou diversos papéis em sua existência: de usuário da energia física, depois operador de ferramentas, passando por organizador da produção, para na era pós industrial ser sintetizador da energia mental, favorecendo a abstração e a criatividade.

No mundo de mais trabalho e menos emprego as competências pessoais, a disciplina, a curiosidade e a obsessão de aprender continuamente são ingredientes que marcarão a passagem do tempo definido para o tempo escolhido. Esse movimento nos leva a crer que o sentido do trabalho possa novamente vir a se relacionar como uma prática libertária de seres participativos numa sociedade aprendiz pois, conforme De Masi (1999) “através do direito ao trabalho, o homem realizou sua condição industrial: através do direito ao ócio, o homem realizará sua condição pós-industrial.”

Mas, há dificuldade de mudar o paradigma de um estilo de vida baseado no excesso de esforço da gestão arcaica e opressiva dos tempos e dos espaços, as empresas preferem se prejudicar mantendo pessoas que nada tem a produzir do que mudar seus próprios regulamentos.

Outra alternativa a ser avaliada sobre a manutenção do trabalho é que: “Para encontrar trabalho para todos os inúteis da sociedade atual, e para deixar o aparato industrial se desenvolver infinitamente, a classe operária, tal como a burguesia, violentar a abstinência e desenvolver infinitamente sua capacidade de consumo” (De Masi: 1999). Essa ideologia encaixa-se com a idéia de que o grande problema da produção capitalista não é mais o de encontrar produtores e aumentar sua força, mas sim o de descobrir consumidores, excitar seus desejos e criar para eles necessidades fictícias.

Na sociedade industrial o ambiente de trabalho e a vida pessoal eram completamente distintos, um não poderia se justapor ao outro, agora às relações entre o trabalho e a vida estão intimamente interligadas, principalmente para os trabalhadores que atuam em atividades intelectuais ou tarefas flexíveis que envolvam idéias, onde o cérebro é a máquina. A formalidade do emprego consolidado na Revolução Industrial com horários, salários e atribuições definidas cede lugar para a informalidade e a flexibilidade da Era do Conhecimento. As Sucessivas transformações tecnológicas aperfeiçoaram o jogo das competências individuais. “A vida penetrou na empresa e o trabalho difundiu-se pela vida afora”. (De Masi: 1999).

Assim sendo, o novo milênio nos anuncia que o trabalho é possível e factível, desde que no contexto do trabalho criativo, cooperativo. A exemplo do mundo empresarial em que toda a empresa lida de algum modo com a incerteza, as alianças, compartilhamentos, as inter-relações e outras práticas organizativas favorecidas pela tecnologia, são instrumentos de cooperação que claramente criam vantagens competitiva. O homem é hábil em lidar com instrumentos, não só com aqueles usados como meio de produção, mas tudo aquilo de que se serve para sua sobrevivência física e social. Assim o homem é capaz de abstrair e criar os mecanismos para, fora das soluções tradicionais, mesmo num cenário hostil, estabelecer relações construtivas que incorporem as reivindicações do mundo do trabalho. Neste ponto cabe pontuar numa reavaliação do ócio.

O tempo sem trabalho ocupa um espaço cada vez mais central na vida humana. As afirmações como “eu sou um trabalhador” ou “o trabalho dignifica o homem” estão perdendo espaço para uma identidade traçada não mais sobre o valor absoluto do trabalho, mas sobre valores multiformes, fundamentados nos relacionamentos e numa racionalidade diferente daquela baseada na ética do valor absoluto do dinheiro. “É necessário reeducar a população de alta renda para que aprenda a ocioso. E é necessário reeducar a imensa massa de pobres de terceiro mundo, para que aprenda a trabalhar” (De Masi: 1999). Ensinar não só o trabalho, mas também as atividades ligadas ao tempo livre, aos cuidados e às atenções, entendido como não-trabalho.

Na reestruturação contemporânea do trabalho não é possível estar contra a história, nem daria resultados, é preciso formular as respostas necessárias num mundo cada vez mais em movimento, sem impor retorno ao passado. A tecnologia serve para que se viva melhor. Elimina cansaço e sofrimento. A mudança é que assusta. Há pessoas que prefeririam uma cultura imóvel como natureza, mas na prática parece difícil

imaginar a situação da saúde ainda sendo tratada apenas como recurso que a natureza disponibiliza. Rejeitar o arsenal tecnológico é regredir.

Observando-se o cenário global e questionando-se quais os objetivos do homem em sua existência na face da terra, é difícil conceber e sustentar tamanha evolução sem a efetiva correlação com o bem estar social. O trabalho em si, é uma forma de integração da sociedade, de fazer parte do todo. A saída para os milhões de desempregos, cujo trabalho vem sendo cada vez menos necessário há muito tempo, se inscreve na possibilidade de regular a abundância proveniente da revolução da produtividade e repartí-la de forma que todos tenham acesso a um patamar básico. E mais, é preciso refundar os modelos de vida, de produção e de distribuição.

Se a maioria das páginas de nossa história e os inúmeros fatos a que assistimos diariamente alimentam o pessimismo, o futuro precisa de toda nossa criatividade e, por isso, de todo o nosso otimismo para que o trabalhador sustente o seu papel de sujeito (parceiro) e não de mero objeto (recurso).

REFERÊNCIAS

MASI, Domenico de. *O futuro do Trabalho: fadiga e ócio na sociedade pós industrial. Rio de Janeiro: UnB/José Olímpio, 1999.*